



Interação e interatividade nos blogs¹

Lucienne Zaramella FIGUEIREDO²
Dr^a Lúcia Helena Vendrúsculo POSSARI³
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

A presente pesquisa, integrante de um projeto maior, que tenciona verificar como se constroem sentidos na não presencialidade, objetiva investigar os sentidos que blogueiros produzem, através da interatividade. Optamos por uma metodologia de abordagem qualitativa, acompanhando-se blogs selecionados – independentemente de serem blogs de cunho jornalístico. Teórico-metodologicamente, não se falará em pólo de emissão e de recepção, vez que o blogueiro está num e noutra. Ele é autor, co-autor-leitor, possibilitado pela estrutura hipermediática, aberta, multidirecional que possibilita criar, imergir, interferir, recortar.

Palavras-chave

comunicação; cibercultura; blog

Introdução

Nossa pesquisa está ancorada nos conceitos de Lévy (1999) sobre o virtual, e também numa perspectiva sêmio-discursiva, cujo cenário são os blogs. Menos do que falar em sujeitos da pesquisa, falaremos dos blogueiros como co-autores que são, na interatividade que é inerente às suas exposições.

Consideramos oportuno enfatizar algumas observações sobre o papel dos blogs nas novas dinâmicas de produção e disseminação de informações no ciberespaço.

Os primeiros computadores foram criados inicialmente para uso militar, assim como muitas outras tecnologias de uso corrente nos dias de hoje. Seu uso para fins civis foi popularizado nos anos 60, pois devido à Guerra Fria o Departamento de Defesa Americano resolveu criar uma rede de computadores “que não pudesse ser destruída por

¹ Trabalho apresentado à Divisão Temática 05 – Comunicação Multimídia, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT), linha de pesquisa em Comunicação e Mediações Culturais. E-mail: luciennezf@yahoo.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT). E-mail: luciahvp@hotmail.com.



bombardeios, ou seja, um sistema no qual todos os pontos (os nós da rede) tivessem a mesma importância e por onde os dados fossem transmitidos em qualquer sentido (sem uma ordem definida)⁴”. Nos anos 70, o advento do microchip possibilitou a automação de vários setores (industrial, terciário), e a partir dos anos 80 a informática passou a perder seu status puramente técnico para começar a se misturar com as telecomunicações, cinema, televisão e editoração. Porém, ela somente ganhou sua dimensão mundial no final dos anos 80, início dos anos 90, quando as redes, que estavam se formando desde os anos 70, se juntaram e o número de pessoas e computadores começou a crescer (LÉVY, 1999, p. 32).

Na sociedade que se comunicava somente via oral, de acordo com Lévy, as mensagens eram recebidas no mesmo contexto de sua produção. Isso foi se alterando com o tempo e com os novos meios de se comunicar, pois os textos passaram a se separar desse contexto de produção, o que cria questões sobre a recepção e interpretação desse conteúdo. A hipótese levantada por Lévy é a de que a cibercultura, ao contrário das mensagens “universais”, totalizantes, que foram criadas para preservar o sentido sem importar o contexto, “leva à co-presença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, uma órbita completamente diferente” (LÉVY, 1999, p. 15).

Essa nova universalidade seria construída por meio da “interconexão das mensagens entre si” (LÉVY, 1999, p. 15), pelas comunidades virtuais que renovam sempre seu sentido. Pela dificuldade de se compreender a mensagem fora de seu contexto de produção, a partir da invenção da escrita, foram criadas ferramentas para interpretação, tradução lingüística, como gramáticas, dicionários, etc, enquanto aqueles produzindo as mensagens precisavam fazer um esforço para que a mensagem tivesse um apelo universal, contivessem em si mesmas sua razão, que fossem auto-explicativas e auto-suficientes: “a escrita não determina automaticamente o universal, ela o condiciona (não há universalidade sem escrita)” (LÉVY, 1999, p. 114-115). Nesse modelo comunicacional, o autor tem autoridade sobre aquilo que escreve, enquanto o intérprete “atualiza ou modula uma autoridade que vem de fora” (LÉVY, 1999, p. 115), e nesse universal fundado pela escrita, o sentido procura manter-se intacto apesar das traduções, interpretações. Já na cibercultura, o “autor é cada vez menos discernível” (LÉVY, 1999, p. 148).

⁴ Anos 60: A origem militar – Terra Tecnologia. Disponível em
<<http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI541817-EI5026,00.html>>



Cibercultura

O ciberespaço é definido como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92), um “espaço não físico ou territorial composto por um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações (sob as suas mais diversas formas) circulam” (LEMOS, 2007, p. 127). Como o provável é que todas as informações sejam eventualmente digitalizadas, isso tornaria o ciberespaço o principal canal de comunicação no próximo século (LÉVY, 1999, p. 93). Ele é um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível, em um processo de desmaterialização do espaço e da instantaneidade temporal contemporâneos (LEMOS, 2007, p. 128). Lévy acredita que a emergência do ciberespaço já tem hoje “um efeito tão radical sobre a pragmática das comunicações quanto teve, em seu tempo, a invenção da escrita” (LÉVY, 1999, p. 114).

Através do computador, é possível acessar à distância qualquer dado armazenado em um computador, tornando possível também o compartilhamento dessas informações, arquivos, etc. A possibilidade de transferência de dados é uma importante característica do ciberespaço, possibilitando a troca contínua. Os meios para se fazer isso são os mais diversos, em graus de complexidade crescente: “o correio eletrônico, as conferências eletrônicas, o hiperdocumento compartilhado, os sistemas avançados de aprendizagem ou de trabalho cooperativo e, enfim, os mundos virtuais multiusuários” (LÉVY, 1999, p. 104), que são lugar de encontro e meio de comunicação entre seus participantes, sendo a World Wide Web um exemplo. Essa ferramenta, mais conhecida como “WWW” ou Web, é “a parte multimídia e mais popular hoje da internet que permite a navegação por páginas de informação (*Home Pages*, Sites) através de links, lexias hipertextuais que induzem a navegação” (LEMOS, 2007, p. 119), através de softwares, sendo os mais populares hoje o Explorer e o Firefox, que têm o papel de buscar informações e permitir o diálogo entre usuários. Os links são os elementos conectivos que possibilitam a delimitação de um caminho, e são questão central na discussão sobre hipertextualidade, labirinto e rizoma (RECUERO e PRIMO, 2004).

O ciberespaço é erroneamente considerado um fenômeno puramente técnico com frequência. Lévy (1999) sustenta que

[...] a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de



ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes. (LÉVY, 1999, p. 123)

A criação do ciberespaço corresponderia a um desejo de comunicação recíproca e de inteligência coletiva (LÉVY, 1999, p. 124), que visa um tipo particular de relação entre as pessoas, baseada em afinidades de interesses, de conhecimentos, independentemente da localização geográfica. Essa inteligência, conforme concebida Lévy (1999), seria aquilo que intervém na impressão que as técnicas causam de virem do exterior, sensação que aumenta quanto mais rapidamente elas são introduzidas ao nosso cotidiano. O ciberespaço é um dos principais suportes dessa inteligência, que não é determinada automaticamente pelo crescimento deste, mas que fornece, no entanto, um ambiente propício a ela.

A cibercultura nos leva à situação existente antes da invenção da escrita, na medida em que a interconexão em tempo real possibilitou o compartilhamento do mesmo contexto, esse “imenso hipertexto vivo” (LÉVY, 1999, p. 118), dissolvendo assim a pragmática da comunicação que buscava o universal totalizante. Lévy (1999) afirma ser essa uma espécie de retorno à oralidade original, com a possibilidade de transmissão do saber mais uma vez pelas *coletividades humanas vivas*. Lemos (2007, p. 69) também fala desse retorno, no qual a simultaneidade e a taticidade também estariam sendo favorecidas. Após a escrita ter destribalizado o homem, a multimídia parece ajudar a criação de novas formas de tribalização (LEMOS, 2007, p. 69). Agora é a interconexão generalizada que emerge como nova universalidade, mas que não totaliza pelo sentido, mas conecta pelo contato.

Seja qual for o texto, ele é o fragmento talvez ignorado do hipertexto móvel que o envolve, o conecta a outros textos e serve como mediador ou meio para uma comunicação recíproca, interativa, interrompida. (LÉVY, 1999, p. 118).

Por meio dos computadores e das redes, as pessoas mais diversas podem entrar em contato, dar as mãos ao redor do mundo. Em vez de se construir com base na identidade do sentido, o novo universal se realiza por *imersão*. Estamos todos no mesmo banho, no mesmo dilúvio de comunicação. Não pode mais haver, portanto, um fechamento semântico ou uma totalização. (LÉVY, 1999, p. 120).

Lévy (1999) diz que a cibercultura mostra que existe “uma outra forma de instaurar a presença virtual da humanidade em si mesma (o universal) que não seja por meio da identidade do sentido (a totalidade)” (LÉVY, 1999, p. 121), sendo o universal a presença (virtual) da humanidade em si mesma e a totalidade, a conjunção estabilizada



do sentido de uma pluralidade. A principal tese do autor é a de que “a cibercultura inventa uma outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não pela imposição da unidade de sentido” (LÉVY, 1999, p. 248).

Três princípios básicos nortearam o crescimento do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva (LÉVY, 1999, p. 127). “A interconexão tece em universal por contato”, apontando para uma cultura de telepresença generalizada (LÉVY, 1999, p. 127), e a criação das comunidades virtuais se apoia nisso. Já a inteligência coletiva é o ideal que move essas comunidades, sendo esta inteligência a finalidade última da cibercultura (LÉVY, 1999, p. 131). “A interconexão condiciona a comunidade virtual, que é uma inteligência coletiva em potencial” (LÉVY, 1999, p. 133).

Para analisar as comunidades virtuais, Lemos (2007) propõe verificar a estrutura de compartilhamento do ciberespaço, já que “esta revolução vai afetar o conhecimento e o modo de transmitir, estocar e produzir a informação, complexificando as trocas comunicativas e abalando a estrutura centralizadora dos *mass media*” (LEMOS, 2007, p. 137). O autor mostra que o ciberespaço é hoje um espaço de comunhão, no qual as pessoas têm se reunido ao redor do mundo, criando “territorialidades simbólicas” (LEMOS, 2007, p. 139), com o objetivo de compartilhar seus interesses em comum, sejam eles quais forem, principalmente através de novos programas que auxiliam nessa interatividade social, e é nesse sentido que Lemos (2007) se refere ao ciberespaço como “uma incubadora espontânea de formas mediáticas” (LEMOS, 2007, p. 139). Godwin (LEMOS, 2007, p. 146) enumera alguns princípios fundamentais para que as comunidades virtuais sejam coesas: uso de *software* que permita discussão em grupo, ausência de limitação em trocas de mensagens, possibilidade de acesso para pessoas diversas, possibilidade de deixar que os usuários resolvam seus problemas, promoção de uma memória da comunidade, promoção da continuidade, bom recebimento dos neófitos, promoção de áreas para crianças, confrontação dos usuários nas crises das comunidades.

Para designar a relação entre os participantes da comunicação, Pierre Lévy (1999) designa três categorias de dispositivos comunicacionais: um-todos, um-um e todos-todos. O primeiro dispositivo teve entre seus principais representantes o rádio e a TV, nos quais a mensagem é proveniente de um centro emissor, destinada a um grande número de pessoas. No modelo um-um, os contatos são de indivíduo para indivíduo, e tem como exemplo o telefone. A cibercultura proporcionou a existência do modelo



todos-todos, na qual a barreira entre emissor e receptor fica fluida, não mais identificável, todos podem receber e enviar mensagens.

A disseminação das informações, antes proveniente de um emissor centralizado e homogêneo (padrão um-todos da mídia de massa), hoje em dia obedece à multiplicidade do rizoma, modelo Todos-Todos, liberando assim o pólo de emissão (LEMOS, 2007). Hoje, cada um tem a possibilidade de emitir dados, participar de trocas de idéias e informações. Deleuze e Guattari (2000, p. 24) lançam a idéia do rizoma, caracterizado por sua conectividade, que seria uma maneira de expressar as multiplicidades sem ter que ligá-las à unidade. Como eles ressaltam, “existem estruturas de árvore ou de raízes nos rizomas, mas, inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar um rizoma.” (DELEUZE e GUATTARI, 2000, p. 24).

A convergência das esferas informacional, tecnológica, mercadológica e social criam a nova esfera comunicacional, promovendo a imbricação da tecnologia, do mercado e do social, sendo essa nova esfera onipresente, resultando em um salto qualitativo chamado “interatividade” (SILVA, p. 34).

As tecnologias comunicacionais tradicionais não permitiam a possibilidade de o usuário “modificar o conteúdo” da mensagem, e essa foi a principal mudança trazida pelas novas tecnologias de informação na esfera tecnológica (SILVA, 2007, p. 35). Na esfera mercadológica, a nova lógica de distribuição das mensagens, não mais exclusivamente massiva, trouxe o reconhecimento de que o consumidor é um “operador”, não meramente um receptor, sendo que agora não basta expor a imagem do produto, mas é preciso que essa imagem permita uma experiência de adentramento (SILVA, 2007, p. 43).

A interatividade é uma importante característica da comunicação no ciberespaço, por oferecer essa reciprocidade na comunicação. Segundo Silva (2007), ela está na predisposição para mais interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e intervenção permitindo ao usuário algum nível de participação, em diferentes graus. Nos programas televisivos, o usuário, por enquanto, apenas escolhe opções (canais), mas sem poder intervir (SILVA, 2007).

O termo interatividade originou-se nos anos 70, ganhando notoriedade nos anos 80 devido à disseminação de seu uso para expressar o caráter “conversacional” do computador, tendo sido a invenção do mouse determinante para sua popularização (SILVA, 2007, p. 14). Com a emergência da interatividade, o consumidor “expressa



livremente seus interesses e estilos que podem ser tomados pelos produtores como exigência de produtos *feitos sob medida* em contraste com a *produção em série*". Na esfera social, portanto, pode-se destacar o controle remoto, tecnologia imbricada ao social, como um dos pioneiros na possibilidade de expressão livre de interesses e estilos (SILVA, 2007, p. 49).

Na navegação, o usuário-operador “tem de interagir com o que vê, mediante as escolhas do que vê” (SANTAELLA, 2004, p. 144). Como não há navegação predeterminada, ele precisa agir, a navegação responde às suas escolhas. Por fora, o corpo pode parecer imóvel, mas, por dentro, “uma orquestra inteira está tocando, cujos instrumentos não são apenas mentais, mas, ao mesmo tempo, numa coordenação inconsútil, perceptivos, sensórios e mentais” (SANTAELLA, 2004, p. 149).

A navegação no ciberespaço já foi uma tarefa que demandava conhecimento especializado por parte no usuário. Hoje, as novas ferramentas e interfaces tornaram o ciberespaço mais amigável, mais facilmente manipulável. Para Lévy (1999), o “progresso das interfaces se dirige hoje à opacidade do ciberespaço”, ou seja, o objetivo é facilitar cada vez mais a jornada.

Os internautas precisaram, ao longo do tempo, desenvolver novas habilidades de leitura para uma efetiva participação no ciberespaço. Santaella (2004) classifica os leitores em três tipos: contemplativo, movente e imersivo, sendo que os três surgem em diferentes momentos da história, mas são cumulativos. O leitor contemplativo é aquele da era pré-industrial, do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. Esse tipo de leitor nasce a partir do Renascimento, e tem sua hegemonia até meados do século XIX. Há aqui uma relação íntima entre o leitor e o livro, com o manuseio, a necessidade de um retiro para um espaço privado, onde possa ter certa intimidade com o livro. É um leitor concentrado na sua atividade interior, não no ambiente que o cerca, e tem a biblioteca como seu principal espaço de retiro. A sua aparente imobilidade esconde uma produção silenciosa de atividade leitora, é uma imobilidade plena de energia mental, pois o ato de ler letras é um processo complexo que “envolve não apenas a visão e percepção, mas inferência, julgamento, memória, reconhecimento, conhecimento, experiência e prática” (SANTAELLA, 2004, p. 23). Esse leitor tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis e manuseáveis, como os já citados livros e as obras de arte, fixas em museus.

O leitor movente teve sua origem na Revolução Industrial, com o aparecimento dos grandes centros urbanos. Ele lê o mundo em movimento, dinâmico, um mundo



híbrido de misturas sígnicas que são os centros urbanos habitados de signos, com distrações fugazes, multidões. Esse é o leitor do jornal, com fatias de realidade, linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. O imersivo é aquele que emerge “nos espaços incorpóreos da virtualidade” (SANTAELLA, 2004).

Blogs

O termo weblog foi cunhado a partir da junção das palavras web (rede) + log. Ele pode ser descrito como uma página da web cujas características principais são a cronologia invertida, estando a ocorrência, ou post, mais recente, no topo da página, e na maioria dos casos essas páginas tem espaço para comentários.

Até hoje, não está claramente definido quem foi o criador do primeiro blog, porém, é mais comumente considerado o “*Scripting News*”, criado por Dave Winer, que teve seu primeiro post em 01 de abril de 1997, e está em funcionamento até hoje. Para outros, o primeiro blog foi o primeiro *website*, o site construído por Tim Berners-Lee quando foi criada a Web⁵. Outras páginas já haviam usado esse método de cronologia inversa pela qual os blogs são hoje reconhecidos.

Ao contrário do que é normalmente disseminado, os blogs não nasceram como diários virtuais, mas como espaços para divulgação de links para outros sites, com comentários, freqüentemente atualizados. Porém, foi a partir do início de seu uso como diário que ele ganhou popularidade (ABRÃO, 2007). Recentemente, com a facilidade cada vez maior em se ter um blog, sendo necessário pouco conhecimento técnico, ele parece estar voltando às suas origens, de postagem de links para outros sites ou blogs, sejam eles para sites de notícias, vídeos no Youtube, Orkut, entre outros.

[...] um grupo ou indivíduo qualquer, sejam quais forem suas origens geográficas e sociais, mesmo que não tenha quase nenhum poder econômico, contanto que lance mão de um mínimo de competências técnicas, pode investir no ciberespaço por conta própria e adquirir dados, entrar em contato com outros grupos ou pessoas, participar de comunidades virtuais ou difundir para um público vasto informações de todos os tipos que ele julgar dignas de interesse. (LÉVY, 1999, p. 223)

⁵ ORIHUELA, José Luis. Los ‘weblogs’ cumplen diez años de agitación. Matéria publicada no dia 18/01/07 no El País.com (online). Disponível em:
<http://www.elpais.com/articulo/ocio/weblogs/cumplen/anos/agitacion/elpepueccib/20070118elpcboci_1/Tes>
Acesso em: 16 abril 2008.



A criação de um weblog é uma tarefa relativamente fácil, algo que mesmo usuários leigos ou novatos são capazes de fazer. Após escolher a ferramenta online de sua preferência, o usuário deve cadastrar-se e a partir daí seguir as instruções disponíveis na maior parte das ferramentas para construí-lo, incluindo nomes e layout.

Com a proliferação das ferramentas gratuitas para postagem de blogs, como o Live Journal e o Blogger, ele se tornou acessível para pessoas sem grande conhecimento na área de informática, esse conhecimento tecnológico tornou-se desnecessário e, desde então, vem se proliferando de maneira extremamente rápida.

Hoje não é preciso ser um profissional da informática para circular pelo universo da informação, já que os desenvolvimentos das interfaces gráficas, surgidas com os microcomputadores, e sua posterior banalização, permitem, a qualquer pessoa, ter acesso aos benefícios e malefícios da informatização da sociedade. Com a microinformática, e a atitude anárquica de apropriação social, podemos começar a falar de uma incipiente cibercultura em formação. Estamos, assim, na quarta fase da informática, a do ciberespaço e seus computadores conectados (CC). Assim, a cibercultura forma-se com a microinformática, adquirindo seus contornos mais nítidos com a quarta fase da informática. (LEMOS, 2007, p. 109)

Hoje existem mais de 133 milhões de blogs no mundo, sendo que cerca de 900 mil deles receberam novos posts nas últimas 24 horas (Revista Época, nº 548, novembro 2008). Segundo dados da empresa Technorati, a blogosfera cresceu, de 2004 a 2008, 2.720%.

Viviane Menezes e Marco Zamorin são considerados os pioneiros na criação de blogs no Brasil. A primeira começou a postar em 1998, no endereço eletrônico www.wiredkitsune.net/weblog, e Zamorin, em 2000 (SILVA, 2003).

Alguns grandes eventos ocorridos no mundo, como o atentado em Nova Iorque em 11 de setembro de 2001, a Guerra do Iraque, o Tsunami Asiático e o furacão Katrina colocaram os blogueiros em evidência, fazendo, inclusive, os meios tradicionais reconhecerem o seu potencial. Para Lemos (2005), o uso de tecnologia móveis na tragédia das *tsunamis*, em 2004 na Ásia, demonstrou o desenvolvimento da “era da conexão”, quando os blogs e seus derivados (fotologs, vlogs) foram importantes ferramentas para divulgação de notícias, devido à dificuldade de comunicação nas áreas atingidas. Estes superaram diversas vezes as notícias “oficiais” do desastre, em riqueza de detalhes (LEMOS, 2005).

Os blogs já são ferramentas conhecidas e reconhecidas no ciberespaço. Uma plataforma que surgiu recentemente e tem ganhado popularidade rapidamente se chama



Twitter, denominado *microblogging*, pois seus *posts* são limitados a 140 caracteres. A sua definição é uma "comunidade global de amigos e desconhecidos que respondem uma simples pergunta: O que está fazendo?". De acordo com seu criador, Nicholas Carr⁶, ele é o “sistema de telégrafo da Web 2.0”. O seu objetivo é que a pessoa possa escrever nesse espaço limitado o que está fazendo, e saber da vida daqueles que lhe interessam, que cada um adiciona nos seus contatos. É uma espécie de mistura de blogs e redes sociais, como o *Orkut*. Atualmente essa ferramenta está sendo utilizada também para coberturas jornalísticas em tempo real. O pré-candidato democrata à Presidência dos EUA, John Edwards, fez uso do Twitter para ampliar seu eleitorado. Até Steve Gillmor, jornalista, disse durante um podcast (*This Week In Tech*), que o Twitter é hoje uma de suas principais fontes de informação. O Twitter possibilita uma leitura seletiva, onde você pode manter-se informado. Primo⁷ acredita que:

O Twitter (assim como os blogs) é mais uma fonte de atualização em nosso ‘mix informacional’. Como os próprios debatedores do TWIT (*podcast This Week in Tech*) lembraram, esses dois meios citados abastecem-se de notícias da mídia tradicional. Creio que eles dão eco às matérias da mídia de massa e de nicho. (PRIMO, 2008)

O Twitter pôde demonstrar ainda mais sua força nas eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2008, que ganharam um espaço na plataforma. Foi criada uma ferramenta de triagem dos posts, no qual o usuário poderia abrir uma página e ver publicações de usuários do mundo todo que citem o nome dos candidatos. Nessa página, a questão-guia do Twitter é alterada de “O que você está fazendo?” para “O que você pensa?”.

No Brasil, jornalistas e outros profissionais também já estão dando exemplos de utilização do Twitter para coberturas ao vivo de eventos e participação em debates. No programa *Roda Viva*, da TV Cultura, 3 convidados fazem cobertura instantânea e interagem com sua rede de contatos através do Twitter.

Lévy afirma que quando a televisão interage com outras mídias, “faz surgir um plano de existência emocional que reúne os membros da sociedade em uma espécie de macro-contexto flutuante, sem memória, em rápida evolução” (LÉVY, 1999, p. 116). O

⁶ PACHECO, Filipe. Twitter: conte sua história em 140 caracteres. Matéria publicada no dia 27/11/07 no site WNews. Disponível em <http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia_especial.php?id_secao=17&id_conteudo=524> – Acesso em: 16 abril 2008.

⁷ PRIMO, Alex. “O Twitter vai terminar de matar o jornalismo” Será?. Matéria publicada no blog Dossiê Alex Primo em 03/04/08. Disponível em <<http://alexprimo.com/2008/04/03/o-twitter-vai-terminar-de-matar-o-jornalismo-sera/>> – Acesso em: 17 abril 2008.



autor diz ainda que isso pode ser percebido principalmente nas transmissões ao vivo de notícias “quentes”. A mídia eletrônica, neste caso exemplificada pelo fenômeno do Twitter, complementa a mídia de massa, criando contexto mais tribal.

Outro popular site da web que têm uma estreita relação com o relação com os weblogs é o Orkut, rede social filiada ao Google, criado em 2004, cujo objetivo é ajudar os seus usuários a fazer novos amigos e manter as amizades já existentes. A adesão ao Orkut foi muito maior que o esperado, principalmente por parte dos brasileiros, maiores usuários mundiais do site. O Orkut, assim como os blogs, segue uma das principais tendências do uso da Internet hoje: a busca da conexão social. Em alguns blogs, como o Jacaré Banguela, não há espaço para comentários na própria página, sendo que a interação ocorre na comunidade homônima no Orkut.

Silva (2007, p. 12) afirma que a modificação estrutural da comunicação emerge a partir de uma conjunção complexa, com as tecnologias evoluindo para o *mais comunicacional*, sendo a tendência do social a informação, e a tendência é que os sites evoluam para serem cada vez mais conversacionais, permitindo um “relacionamento” interativo.

Considerações finais

Utilizando uma metodologia qualitativa, buscaremos acompanhar os usuários de blogs, descrevendo falas, processos de interação e de interatividade. A técnica etnográfica, concebida e historicamente aplicada a grupos sociais em interação face-a-face, passa hoje por adaptações, a chamada etnografia online, visando o estudo das comunidades e culturas criadas pela interação mediada por computadores. Aqui, o observador torna-se invisível, possibilitando um tipo especial de participação (*lurking*), pois a informação acerca da presença do observador não está disponível.

Foram selecionados para a pesquisa quatro blogs, diferenciados quanto à natureza, às atividades e aos grupos. O primeiro blog selecionado foi o Blog do Tas, do apresentador do programa humorístico CQC (Band), Marcelo Tas, que coloca em destaque comentários sobre assuntos em destaque na mídia. Outro blog a ser analisado é o Jacaré Banguela, blog de humor criado em 2004, na cidade de Cuiabá/MT, e atualmente mantido pelo publicitário Rodrigo e pelo desenvolvedor de web Marcus. O terceiro blog a ser analisado é o Luis Nassif Online, do jornalista Luis Nassif, que fala principalmente sobre política e economia. Será analisado também o Blog do Romilson,



do jornalista Romilson Dourado, de Mato Grosso, que trata principalmente de notícias de política do próprio estado.

Após a gravação dos dados (15 dias de cada blog), encontramos-nos na fase de descrição dos blogs, para posterior análise com fundamentação sêmio-discursiva, buscando verificar o processo de interlocução, onde não se separa emissor de receptor. A nova estrutura hipermidiática, aberta, multidirecional permite a expressão autônoma. Importa dar a conhecer como se constroem os sentidos, rompendo-se com concepção unidirecional da comunicação.

Referências bibliográficas

ABRÃO, Jorge Antonio de Moraes. Interação no meio virtual: a constituição de múltiplos gêneros no ambiente blog. Língua, literatura e ensino. Maio/2007. Vol. II.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. Mil platôs (volume I). São Paulo: editora 34, 2000.

LEMOS, André. Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira e RECUERO, Raquel. Co-links: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. VI (1): 91-113, janeiro/junho 2004.

SANTAELLA, Lúcia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Marco. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

Webgrafia

Anos 60: A origem militar – Terra Tecnologia. Disponível em <<http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI541817-EI5026,00.html>> Acesso em 19/01/2009.

LEMOS, André e NOVAS, Lorena. Cibercultura e tsunamis: tecnologias de comunicação móvel, blogs e mobilização social. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 26. Abril 2005. Disponível em



<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3300/2557>>
Acesso em 20/01/2009.

ORIHUELA, José Luis. Los ‘weblogs’ cumplen diez años de agitación. Matéria publicada no dia 18/01/07 no El País.com (online). Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/ocio/weblogs/cumplen/anos/agitacion/elpepateccib/20070118elpepateccib_1/Tes> Acesso em: 16 abril 2008.

PACHECO, Filipe. Twitter: conte sua história em 140 caracteres. Matéria publicada no dia 27/11/07 no site WNews. Disponível em <http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia_especial.php?id_secao=17&id_conteudo=524 – Acesso em: 16 abril 2008.

PRIMO, Alex. “O Twitter vai terminar de matar o jornalismo” Será?. Dossiê Alex Primo, 03 abril 2008. Disponível em: <<http://alexprimo.com/2008/04/03/o-twitter-vai-terminar-de-matar-o-jornalismo-sera/>> Acesso em: 17 abril 2008.

<http://twitter.com/>

<http://www.orkut.com>

http://marcelotas.blog.uol.com.br/arch2008-10-16_2008-10-31.html

<http://buzz.globo.com/jacarebanguela/>

<http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/>

<http://www.rdnews.com.br/>